

Bibliotecas escolares: práticas alternativas

Lourival Pereira Pinto

Doutor em Ciência da Informação pela Universidade de São Paulo – USP.
Professor Adjunto do Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE.
E-mail: joaolori@yahoo.com.br

GRACIOSO, L. (Coord.). **Bibliotecas escolares: práticas alternativas**. Araraquara: Junqueira & Marin, 2016. 269 p. Disponível em:
<<https://drive.google.com/file/d/0B1Wz6rvOphvvanZVLVIzTVBuRzg/view>>.

A leitura e a informação são direitos humanos básicos, e assim como tal devem ser constituídas na relação das coisas imprescindíveis para a existência dos homens. Entendo que num mundo “ideal” todas as pessoas deveriam ter acesso às diferentes formas de leitura, desde mesmo antes da alfabetização. Mas não basta dar acesso, tem que acontecer uma relação mediada. Como disse tão lindamente Bartolomeu Campos de Queiróz, “ninguém dá conta da beleza sozinho, sempre necessitamos do outro para compartilhar a beleza que nos toca”. Na infância, a criança precisa da mediação de um adulto para lhe mostrar as coisas essenciais do mundo, as coisas que lhe tocam e que farão da existência dessa criança um processo bom de construção de conhecimento de mundo. Aponte para a criança o sol, a lua, as chuvas, as matas, o mar, o mundo e converse com a criança sobre essas coisas do mundo, porque nessa relação mediada interessa conversar sobre as coisas do mundo a partir de cada um, fazer descobrir o que há de melhor em todas as coisas e em todas as pessoas. Assim, a criança vai descobrindo e conhecendo o mundo que a rodeia, de modo que ela vai se apropriando das coisas desse mundo e compreendendo suas origens e sua cultura.

As bibliotecas escolares são espaços fundamentais para o desenvolvimento da sociedade do conhecimento. Quando digo sociedade do conhecimento estou me referindo à nossa sociedade contemporânea, que é fundamentada na informação e no conhecimento.

As bibliotecas escolares talvez sejam os únicos lugares onde a maioria das crianças e adolescentes poderá ter acesso, por mais tempo, a diferentes apresentações do conhecimento produzido pela humanidade. Porém esses espaços tem que ser organizados e “mediados” para os alunos. Da mesma maneira que a criança conhece o mundo e se reconhece nele, uma relação mediada na biblioteca escolar pode proporcionar a ela a riqueza cultural do mundo por meio da

palavra registrada. A biblioteca escolar é o lugar das palavras escritas, faladas e escutadas, e aqui cabe ao mediador falar sobre as coisas do mundo com os estudantes. Aponte para o estudante os livros, as palavras, as imagens, as intertextualidades, as informações, as relações entre as coisas e converse com o estudante sobre essas coisas registradas, porque nessa relação mediada interessa conversar sobre as potencialidades de cada um, e mostrar a cada leitor as possibilidades infinitas de contatos, metáforas e travessias culturais.

A aprendizagem pode acontecer na comunhão de três práticas: leitura (de mundo, de palavras, de coisas, de imagens), diálogo e atividades práticas. Nesse sentido, a biblioteca escolar é um lugar propício porque pode fornecer leituras, diálogos e práticas que podem conduzir cada estudante por suas escolhas e travessias. Portanto, a biblioteca escolar é um espaço de cultura e aprendizagem, que pode formar leitores e sujeitos competentes para lidar com a informação.

Fiz essa pequena reflexão para falar um pouco sobre o livro BIBLIOTECAS ESCOLARES: práticas alternativas, coordenado pela professora Luciana de Souza Gracioso, organizado por Suelen Camilo Ferreira e Marco Donizete Paulino da Silva e publicado por Junqueira & Marin, Araraquara em 2016. O livro traz uma coletânea de textos que discutem as bibliotecas escolares e trazem importantes contribuições para a pesquisa e as práticas nesses espaços.

A importância dessa publicação está justamente no modo como trata as bibliotecas escolares. Além da seriedade que o tema merece, o livro vai além, porque respeita a complexidade do conhecimento na contemporaneidade. Os textos estão divididos em dois eixos. O primeiro eixo discute justamente a consagração da leitura e da informação como direitos básicos, e esses direitos podem ser percebidos nas nossas necessidades vitais e nos esforços que testemunhamos para a garantia desses direitos por meio de políticas públicas e mesmo por meio de esforços de pessoas e de organizações não governamentais.

O primeiro eixo mostra pertinência quando discute direitos humanos, cidadania, políticas públicas, e apresenta gestões alternativas para a garantia de acesso e mediação nas bibliotecas escolares. Se as bibliotecas escolares são muitas vezes relegadas a um segundo plano, esse pecado não deve ser atribuído a bibliotecários, professores ou gestores, mas sim a uma problemática mais ampla e complexa que deve ser pensada em todos os níveis, mas principalmente na nossa raiz histórica e cultural que influencia o modo como lidamos com leitura, livro, literatura e bibliotecas. Precisamos repensar profundamente essas questões e o

primeiro eixo nos fornece alternativas para reflexão e prática nesse campo tão essencial para nossa formação, cidadania e protagonismo.

O segundo eixo nos aponta para práticas que podem facilitar o acesso e a mediação em bibliotecas escolares. Pois bem, nesse ponto gostaria de louvar a maneira como o livro coloca num mesmo plano a questão básica de direitos, a mediação e a organização de bibliotecas. Ao entrelaçar todos esses elementos, o livro mostra que compreende a complexidade do conhecimento, diluindo um pouco a divisão disciplinar entre isto e aquilo. Há tempos que precisamos ir além do velho discurso da Biblioteconomia que divide, perigosamente, disciplinas *humanistas e técnicas*, como se uma prescindisse da outra. Ora, entendo que para fazer uma atividade de classificação, catalogação ou indexação, o bibliotecário deve ter um profundo conhecimento humano, assim como para fazer atividades de mediação, o bibliotecário deve ter conhecimentos técnicos para planejamento, execução e avaliação de uma ação cultural.

O conhecimento é complexo, os homens são complexos, e assim devem ser pensadas as bibliotecas escolares: um lugar de pessoas, conhecimentos e palavras que se entrelaçam na leitura e na dialogia para construir conhecimentos.

Destaco ainda, no segundo eixo do livro, outro elemento fundamental: o empreendedorismo, que é essencial e deve ser discutido, porque o empreendedorismo pressupõe criatividade, e criatividade e inovação são fundamentais para fortalecer as bibliotecas escolares. O próprio subtítulo do livro aponta para as alternativas propostas, que são resultados de pensamentos empreendedores e atividades criativas.

Por todas as razões aqui apresentadas, considero que todos os capítulos do livro trazem contribuições pertinentes para o fortalecimento das bibliotecas escolares. A leitura desse livro fortaleceu minha convicção de que as bibliotecas escolares são espaços de informação, de leituras, de palavras, de encontros de pessoas, de criatividade, e de transformação de consciências. A biblioteca escolar é um direito humano básico.

Resenha enviada: 20 dez. 2016